

# DO PORTUGUÊS EUROPEU AO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ORIGENS E FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Laura Araújo Lima<sup>1</sup>

Jacilene Marques Salomão<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo traz uma abordagem histórica da língua portuguesa, apresentando a história externa deste idioma, com enfoque na formação do português brasileiro, discorrendo sobre suas origens, a chegada da língua portuguesa ao Brasil, influência de outros idiomas na formação do português em nosso território, as características do português brasileiro, bem como sua consolidação atrelada ao período de colonização e o processo de oficialização da língua portuguesa como nosso idioma. Por tanto, trataremos aqui da formação histórica do português brasileiro, mostrando suas raízes, influências externas e sua configuração em terras brasileiras, sobretudo durante a colonização, no século XVI.

**PALAVRAS-CHAVE:** História externa; Língua Portuguesa; Formação; Português brasileiro; Colonização.

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa hoje é o oitavo idioma mais falado no mundo (ILARI; BASSO, 2006), tendo no Brasil seu maior número de falantes. Porém, como se sabe, o português não surgiu em nossas terras, e sua origem é muito mais remota que o “surgimento” do Brasil pelas descobertas de Cabral. Na verdade, as raízes históricas do idioma antecedem até mesmo a formação de Portugal. E é sobre o começo dessa história, sobre as origens da língua portuguesa, que trataremos neste artigo.

---

<sup>1</sup> Formada em Letras com Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Aluna do curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa/UEFS.

<sup>2</sup> Formada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Aluna do curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa/UEFS.

Para compreendermos uma língua, em seus aspectos gerais e específicos, é preciso conhecer sua história, saber qual sua origem, de onde ela vem, de que idioma evoluiu, quando surgiu e em que contexto, conhecendo também as influências linguísticas e culturais de outros povos, que enriquecem e diversificam a língua com a qual entram em contato. Todos estes aspectos ajudam a entender a estrutura de uma língua, suas particularidades (características fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas), bem como a sua configuração sócio-histórica num determinado território. Assim, mostraremos neste trabalho de que modo e a partir de que momento a história da língua portuguesa passou a se delinear na Península Ibérica.

O português consiste numa língua neolatina, ou seja, originada a partir do latim, que por sua vez originou-se do itálico, um ramo do tronco linguístico indo-europeu. O latim, consolidado na região da Península Ibérica, foi a língua da civilização romana na Antiguidade. Porém, como qualquer idioma, o latim na sua época não era homogêneo, apresentado, portanto, modalidades distintas conhecidas como *latim literário*, *latim eclesiástico* e *latim vulgar*. Esta última, definida por Ilari e Basso (2006) como *vernáculo*, caracterizando-se por ser uma variedade principalmente falada, popular, transmitida sem o ensino formal, “levada pelos soldados e pela plebe às mais longínquas regiões do Império Romano” (HAUY, 2008, p. 27). Foi, também, a modalidade do latim que deu origem à língua portuguesa.

Durante o longo período que compreendeu a consolidação, expansão, a supremacia e a decadência do Império Romano, a língua latina influenciou e sofreu a influência de diversos idiomas e dialetos. Assim, absorveu características, sobretudo lexicais, de diversos estratos linguísticos representados principalmente pelas línguas dos povos colonizados pelos romanos e dos povos invasores (como os germânicos e árabes). Com o declínio e a fragmentação do Império (que deu origem posteriormente ao reino de Portugal) o latim vulgar também se fragmentou e originou as línguas românicas, ou neolatinas, entre elas o português, que herdou um vasto vocabulário proveniente desses estratos. Alguns estudiosos da história da língua apresentam exemplos dessas heranças linguísticas. Hauy (2008), a esse propósito, lista termos de origem celta como *cavalo*, *carro*, *gato*, *légua*, *lança*, *cerveja*, *cabana* e *manteiga* (p. 28), de origem germânica como *guerra*, *bandeira*, *banda*, *feudo*, *rico*, *branco* e *dardo* (p. 30-31), e de origem árabe como *alface*, *algodão*, *açúcar*, *azeitona*, *azeite*, *cenoura*, *espinafre*, *almofada*, *quintal*, *alfaiate*, *laranja*, *girafa*, *jarra*, *quilate*, *arroba* e *javali* (p. 31).

Toda essa diversidade linguística foi incorporada pelo português europeu, que se consolidou por volta do século XIV quando Portugal separou-se da Galiza e o idioma, antes galego-português, tornou-se o português, “língua de Camões”. E foi esta língua portuguesa que, devido às expansões marítimas do Reino Português, chegou ao Brasil nas caravelas de Cabral com o “descobrimento” e depois se firmou em nossas terras, junto com os portugueses, durante a colonização.

## 2 O PORTUGUÊS D’ALÉM MAR NAS TERRAS D’AQUÉM

Em 1500 a língua portuguesa atravessa o Atlântico e chega ao território brasileiro com a esquadra de Pedro Álvares Cabral, enviada de Portugal. Neste período a língua corresponde ao português arcaico, que, segundo Ilari e Basso (2006), caracterizado de uma forma sucinta, “fica a meio caminho entre o latim vulgar e o português atual”, e, apesar de ainda manter semelhanças com o galego, não possui nessa época uma ortografia definida, apresentando, assim, inúmeras variações na escrita de uma mesma palavra, como é possível perceber facilmente no texto da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal após a chegada as nossas terras. Como exemplo, temos os seguintes casos: *hua, huua* (uma); *huu, huum* (um); *nom, nō, naao* (não); *segjmte, seguinte* (seguinte); *boōs, boos* (bons); *capitam, capitã* (capitão); e *comprido, conprjdo* (comprido).

Nesse primeiro momento da chegada dos portugueses, sua língua entrou em contato com as línguas indígenas dos nativos e foi se sobrepondo a elas. Porém, foi com o processo de colonização, iniciado, segundo Serafim da Silva Neto, “em 1532 com a vinda de povoadores oriundos de todas as partes de Portugal” (1979, p. 523), que a língua portuguesa, em parte já diversificada, começa a misturar-se com outras línguas (além das indígenas) como as dos africanos que aqui chegaram na condição de escravos, e alguns séculos depois com a chegada dos imigrantes europeus (italianos, holandeses, alemães), assumindo, então, características próprias, diferenciando-se do português de Portugal.

## 1.2 CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: INFLUÊNCIAS INDÍGENAS E AFRICANAS

As línguas e dialetos falados pelos índios nativos e pelos escravos africanos exerceram enorme influência na língua consolidada como português brasileiro, sobretudo em aspectos lexicais. Entre as línguas indígenas, por exemplo, a que mais contribuiu com o léxico do português foi o tupi (ou o tronco tupi-guarani), que nos deixou de heranças linguísticas diversos termos como *caju*, *mandioca*, *jacaré*, *tatu*, *maracujá*, *curupira*, *pitanga*, *araponga*, *jacarandá*, *jararaca*, *mingau*, *capim*, *cipó*, *jurubeba*, *cutia* (HAUY, 2008, p. 296), e também *abacaxi*, *catapora*, *cupim*, *cuia*, *ipê*, *pipoca*, além de nomes próprios como *Açucena*, *Araci*, *Bartira*, *Goiás*, *Guaraci*, *Iara*, *Iraci*, *Jacira*, *Janaína*, *Juraci*, *Maceió*, *Maranhão*, *Moema*, *Naara*, *Pacaembú*, *Paquetá*, *Sorocaba* e *Uberaba*.

Dentre as contribuições das línguas africanas, os grupos linguísticos que mais influenciaram o português foram, segundo Spina (2008, p. 299), o *yoruba* (ou *ioruba*) falado pelas tribos nagôs, do grupo dos sudaneses, e o *quimbundo* falado pelos bantos. E alguns dos diversos termos herdados desses povos foram *iemanjá*, *exu*, *ogum*, *xangô*, *muamba*, *mandinga* (referentes ao culto); *acarajé*, *bobó*, *vatapá*, *farofa*, *fubá*, *quitute* (da culinária); e outros como *cachimbo*, *marimondo*, *cafundó*, *quitanda*, *quilombo*, *senzala* e *moleque* (SPINA, 2008, p. 300). Com o intuito de ilustrar essas influências linguísticas no português brasileiro atual, apresentamos, a seguir, uma tabela com palavras de origem indígenas e africanas coletadas a partir das amostras de fala do semiárido baiano (CARNEIRO; ALMEIDA, 2008).

PALAVRAS INDÍGENAS/SIGNIFICADO	PALAVRAS AFRICANAS/SIGNIFICADO
<b>Garapa:</b> “Segundo Silvio Romero, a palavra garapa é de origem africana e significa bebida. Para Teodoro Sampaio, tupinólogo (estudioso do tupi), o termo é indígena, corruptela de <i>guarapa</i> , e de <i>guarab</i> , que significa bebida adoçada com mel ou açúcar para refresco. Finalmente, para o autor Câmara Cascudo, garapa é "espuma fria decorrente da primeira fervura do caldo-de-açúcar". Há ainda outra definição para garapa: <i>boombo</i> ou <i>chibombo</i> , espécie de cerveja	<b>Jiló:</b> Palavra brasileira de origem africana; Fruto do jiloeiro.

africana produzida a partir da fermentação do milho” <sup>3</sup> .	
<b>Piaba:</b> Peixe de água doce que apresenta duas manchas escuras arredondadas nos lados. Peixe marinho.	<b>Agogô:</b> Deriva do Ioruba AGOGO-AGO, “sino, relógio”.
<b>Capoeira:</b> “esta vem do tupi-guarani, que significa “área de vegetação rasteira”. Para José de Alencar, escritor, em 1865, na sua primeira edição de Iracema, propôs para o vocábulo capoeira, o tupi – caa-apuam-era (ilha de mato já cortado). Além disso, capoeira significava cesto de varas, onde se guardavam aves, capões, galinhas, etc. conta-se que os escravos, ao levarem capoeiras de aves para vender, enquanto esperavam o mercado abrir, divertiam-se jogando capoeira. Outro argumento para o vocábulo é a existência no Brasil, de uma ave chamada capoeira que se encontra por vários estados brasileiros, também pode ser encontrada no Paraguai é também conhecida com o nome de Erú, anda pelo chão e agrupam-se em bandos <sup>4</sup> ”.	<b>Samba:</b> “A origem da palavra samba [...] Seria, provavelmente, uma derivação do quimbundo <i>semba</i> , que significa umbigada, ou do umbundo <i>samba</i> que significa estar animado ou estar excitado. Há também quem afirme que a palavra tenha sua ligação com a língua luba e com outras línguas bantas, nas quais samba significa pular ou saltar com alegria. O que prova que o samba é bem anterior à música de Donga” <sup>5</sup> .
<b>Mirua:</b> na fala do informante é um tipo de árvore, da qual se retira madeira para construir a casa de moradores da vila. Já em um texto encontrado na internet, é o nome de um índio <sup>6</sup> .	<b>Moqueca:</b> vem do idioma Quimbundo MU’KEKA, “caldeirada feita com peixe”. Dados indicam que começou a ser utilizada, primeiramente, na Bahia.
<b>Mandioca:</b> origina-se do termo <i>mandi’oka</i> , que em vem do Tupi, querendo dizer “raiz da planta <i>mandi’iwa</i> “, que era o nome da planta inteira <sup>7</sup> .	<b>Zumbi:</b> Possivelmente deriva do Quicongo zumbi, “feitiço”, originalmente o nome de um deus-serpente. Mas outros dizem que veio do Espanhol “sombra”, com o sentido de “espírito, fantasma”.
<b>Abacaxi:</b> Ibá-cachi: fruta cheirosa, rescendente.	
<b>Jabuticaba:</b> Origem tupi-guarani: vem de <i>yaboti’kaua</i> , sendo a primeira parte da palavra o nome do quelônio, nosso jaboti, e <i>kaua</i> , “lugar onde”.	
<b>Capim:</b> Vem do tupi-guarani de folha miúda, mato fino, folha delgada.	
<b>Maniçoba:</b> Maniçoba, também conhecida como feijoada-paraense, é um dos pratos típicos da culinária brasileira, de origem indígena. É feita com folhas de mandioca, moídas e cozidas, por cerca de uma semana (para que se retire o ácido cianídrico, que é venenoso), acrescida de carne de porco e outros ingredientes salgados e defumados. É tradicional nas festas de Círios, no Pará e também na	

<sup>3</sup> Fonte: Garapa. [2008]. Disponível em: <http://terreiroir.blogspot.com.br/2008/11/garapa.html>.

<sup>4</sup> Disponível em: [www.capoeiramestrebimba.com.br](http://www.capoeiramestrebimba.com.br)

<sup>5</sup> <http://almanaque.folha.uol.com.br/samba.htm>

<sup>6</sup> <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8>

<sup>7</sup> Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/mandioca/>

Bahia, especialmente nos municípios de Feira de Santana e Cachoeira <sup>8</sup> .	
<b>Araponga:</b> termo tupi <i>wi'rá pōga</i> , "pássaro soante".	
<b>Sabiá:</b> "Designação comum a várias espécies de aves passeriformes, turdídeas, gênero <i>Turdus</i> , de colorido simples, cinzento-oliváceo, às vezes avermelhado. São pássaros muito populares, bons cantores, e onívoros. [Cf. caraxué (1). No N.E. do Brasil também é us. no fem.]" <sup>9</sup>	
<b>Mocotó:</b> termo originado do tupi-guarani <i>mbo-coto</i> . É um prato tradicional baseado em patas sem casco ou extremidades de bovinos.	
<b>Guaraná:</b> termo derivado do Tupi WA'RANÁ, o nome da planta.	

### 3 LÍNGUA LUSITANA OU LÍNGUAS AMERÍNDIAS? UM POUCO DO PERÍODO BILÍNGUE BRASILEIRO

Partindo do pressuposto de que língua é poder, e que por meio dessa se controla, subjuga e domina uma determinada população, se pode deduzir o porquê da imposição da língua lusitana, por parte dos colonizadores, nas terras recém-conquistadas.

Direcionando para o cenário brasileiro, a língua portuguesa, ao início da colonização, conviveu, principalmente, com diversas línguas indígenas e africanas, além de outras línguas europeias (o espanhol, o holandês e o francês), em ambiente linguístico que pode ser caracterizado como favorável ao *multilinguismo*. Porém, é inegável o poder de uso atribuído às línguas indígenas (em especial às da família tupi-guarani), em relação às demais na época, então por que o Brasil não se tornou um país com língua oficial indígena ou bilíngue?

Para responder ao questionamento faz-se necessário abordar algumas questões históricas, uma delas refere-se aos extermínios de alguns grupos indígenas praticados pelos europeus. Um dos fatos históricos que se pode citar como referente a essa vergonha nacional situa-se no ano de 1750, na região do Iguaçu, mediante a aplicabilidade do tratado de Madri:

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/mani%C3%A7oba/>

<sup>9</sup> FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Ao aplicar o tratado de Madri (1750), os portugueses e os espanhóis, momentaneamente aliados, promoveram juntos na região do Iguazu um enorme genocídio, forçando ao êxodo as populações indígenas das reduções jesuíticas, que falavam uma língua geral baseada no guarani (ILARI; BASSO, 2009, p. 44).

Como se sabe, uma língua sobrevive a partir de seus falantes/usuários, sem estes a língua morre podendo, às vezes, nem deixar resquícios de que existiu. Como foi o caso de muitas línguas/falares indígenas brasileiros. Mesmo ocorrendo essa prática, a língua indígena resistia e se propagava pela população brasileira da época colonial, sendo várias obras publicadas enfocando a importância da língua tupi no Brasil, sua contribuição lexical, como, por exemplo, cita-se: *A Arte de Grammatica da Lingoa mais falada na Costa do Brasil* (1595), do padre José de Anchieta, e também a gramática *Arte y Vocabulário de la Lengua Guarani*, publicada em 1640, do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya. Assim, a língua portuguesa competia com as línguas ameríndias do tronco tupi-guarani, sendo esta batalha travada até o século XVIII. Segundo Spina (2008, p.297):

Ainda que a infiltração lexical e numerosa do tupi atingisse o português trazido pelos colonizadores, a profecia de Couto de Magalhães — para quem o português do Brasil iria, com o decurso do tempo, se modificando sob a influência do tupi mesmo “depois do desaparecimento da causa”— não se realizou. E não obstante à época do aparecimento de sua obra, *O selvagem* (Rio de Janeiro, 1876), Couto de Guimarães procurasse testemunhar a vitalidade do tupi ou *nhengatu* como língua falada por pessoas ilustres e muito viva ainda em certas regiões do Norte do país, o certo é que já em fins do século XVIII o idioma luso havia suplantado o seu competidor.

É válido salientar que não houve um desaparecimento completo da língua tupi, já que havia falantes em comunidades rurais e/ou comunidades nas regiões do norte do país. Além disso, a contribuição lexical para a língua portuguesa brasileira é vasta, é alguns exemplos: “caju, cutia, jurubeba, curupira, acauã, tapera, maracá, tatu, jaú, capim, maracujá, arara, pajé, capivara, jabuticaba, [...] mingau, [...] pitanga, jacaré [...]” (SPINA, 2008, p. 296). Eliminado tal impasse, é fato que ao século XVIII a língua portuguesa havia sido consolidada como língua oficial do Brasil. Porém, conforme lembra o professor Spina (2008), há um dado importantíssimo acerca da vitória da língua portuguesa sobre a língua nativa: esse acontecimento se deve, *a priori*, a um dos primeiros-ministros do período absolutista: Sebastião José de Carvalho e Melo, o famoso Marquês de Pombal, ministro plenipotenciário de D. José I. Mas, o que teria

esse homem haver com a discussão travada ao longo deste tópico? O que levaria um líder administrativo se envolver em questões de língua? Para responder tais questões, faremos referência, aqui, ao discurso de Costa (2008, p.36):

O português só começou a tornar-se majoritário a partir da segunda metade do século XVIII, em parte como decorrência de medidas adotadas pelo Marquês de Pombal, que proibiu o uso de línguas indígenas no território brasileiro de então [...].

Retomemos a discussão inicial: por que o Brasil não se tornou um país com língua oficial indígena ou bilíngue? Novamente apresenta-se o princípio de que língua é poder e, por tal motivo, está atrelada a situações de domínio, pois, por meio desta, se podem silenciar alguns e dar voz a outros; propagar a cultura de uns, a sua essência, ou mesmo fazê-la desaparecer. Assim, o que se pode concluir é que a língua portuguesa, por ser aquela utilizada pelo colonizador, foi imposta como língua oficial, no intuito de não só dominar/apagar a população nativa, mas também de manter um status diferenciado da elite brasileira para com as outras classes menos favorecidas. Ressalta-se, ainda, que a forma de se adquirir o uso próximo da língua padrão seria/é por intermédio da escola/educação, espaço privilegiado para poucos na época. Muito possivelmente, se não fosse pela imposição de Marquês de Pombal, o Brasil seria como muitos outros países que foram colonizados, uma nação bilíngue, havendo duas línguas oficiais, o tupi e o português. No entanto, questões políticas e históricas tiraram essa riqueza tão possível e evidente do Brasil.

Um célebre filme brasileiro, *Desmundo* (2003), de Alain Fresnot, caracteriza muito bem esse período de diversidade linguístico-cultural. A trama retrata a realidade do Brasil de 1570 (período Colonial) tendo como protagonista Oribela, uma jovem portuguesa, órfã, a qual, juntamente com outras, foi enviada para a “América portuguesa colonial” com o objetivo de desposar os colonos. O filme explora várias questões referentes ao contexto da época como: linguagem, religiosidade, sexualidade, obediência, fidelidade etc. Pondo em evidência a questão linguística mostrada no filme, podemos perceber claramente a efervescência linguística presente no Brasil colônia, o que revela a existência de várias culturas no país, estabelecendo alguns conflitos sociais. Poucos termos indígenas aparecerem na fala dos colonizadores retratados no filme, já que estes se restringem à tentativa de comunicação entre os personagens Te-mericô e Oribela, parte da trama em que fica evidenciada a dificuldade de comunicação entre os



nativos e os portugueses. Já em outro momento do filme ocorre o contrário, havendo um diálogo efetivo entre o cristão-novo Ximeno Dias e o escravizado africano. Em tal diálogo, o português compreende e se expressa na língua/dialetos africanos; quem os observa se maravilha diante tanta beleza, já que não houve uma imposição do dominador sobre o dominado, mas sim uma aceitação/aprendizagem da língua do outro.

Por fim, notamos que não só os falares indígenas, africanos e o português surgem no filme, mas, também várias línguas europeias, como, por exemplo, o espanhol, o italiano e o francês. Esse aspecto explicita o borbulhar de línguas que ora convergiam, ora se uniam, para uma tentativa de comunicação. Além disso, vemos, nas cenas de *Desmundo*, que muitas vezes, para ser efetivado o entendimento entre os interlocutores envolvidos em um diálogo, o recurso da gestualidade era fundamental. Assim, por questão de sobrevivência, podemos supor que, em contatos dessa natureza, haveria uma boa vontade mútua na tentativa de estabelecimento de um processo comunicativo, sendo a diversidade linguística um aspecto primordial de nossa cultura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que aqui foi apresentado e discutido, é perceptível a riqueza e diversidade da história da língua portuguesa, bem como a importância de se conhecer e analisar essa história para uma maior compreensão das origens, características e mesmo da estrutura da língua. Todo o processo histórico, de formação e consolidação, incluindo as influências externas que o idioma recebeu, e a forma como ele se configurou num determinado lugar, dão um sentido ao porquê de uma língua, no nosso caso, o português, ser hoje da maneira como é.

As origens latinas ainda ecoam em nossa língua, as contribuições dos diversos idiomas com os quais o português entrou em contato, desde a época de Roma, ao Reino de Portugal até a chegada ao Brasil, com as demais línguas que aqui conviveram, são perceptíveis no nosso português pelo léxico, pela semântica, prosódia, pragmática, e nos mais diversos aspectos linguísticos que se apresentam de forma tão característica em nossas variantes.

O português arcaico, difundido em nossas terras com a colonização, como mostra o filme *Desmundo*, subjugou as línguas nativas e impôs-se como o idioma oficial. No entanto, apesar da preponderância cultural portuguesa, não foi imune às

diversas influências aqui recebidas. Através de vários séculos de um caldeirão linguístico, configurou-se de maneira heterogeneamente única e cheia de peculiaridades que deram uma identidade, muito mais brasileira que lusitana, à língua que hoje chamamos seguramente de Português Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Zenaide Oliveira, ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. (org.). **Amostra da Língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

CARNEIRO, Zenaide Oliveira, PINHEIRO, Adriana de Santana, ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. (org.). **Amostra da Língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HAUY, Amini Boainain. Origem e Formação da Língua Portuguesa. In: SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008, p. 22-33.

MENDES, Edleise –Castro; SOUZA, Maria Lúcia (orgs.). **Saberes em Português: Ensino e formação docente**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. **História da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

SPINA, Segismundo. A projeção da língua com a expansão navegatória. In: SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008, p. 294-300.

